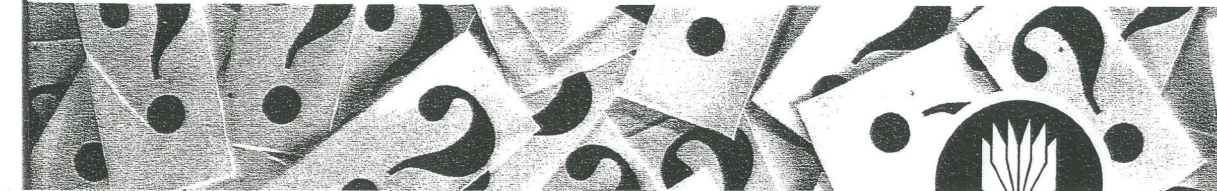


RICHARD PASCALE, JERRY STERNIN E MONIQUE STERNIN

# DO PODER DO DESVIO POSITIVO

COMO INOVADORES IMPROVÁVEIS SOLUCIONAM  
OS PROBLEMAS MAIS DIFÍCEIS DO MUNDO



## Capítulo 3

### Circuncisão feminina no Egito

Conciliando tradição e mudança

*Todas as culturas possuem camadas de complexidade, mas algumas são mais complicadas que outras. As primeiras semanas no Cairo foram repletas de reuniões oficiais e encontros sociais, para conhecer uma rede de contatos de todos os estratos sociais da cidade. As boas-vindas tiveram a graça e a hospitalidade pelas quais os egípcios são conhecidos. Mas não demoraria muito até que complexas pressões ocultas viessem à tona. Sob a camada de autêntica cortesia, encontram-se desafios e convenções da vida egípcia. Como descreve Monique, todas essas considerações se mostraram importantes na aplicação do processo de desvios positivos para um problema aparentemente incontrolável no Egito.*

**MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA** é a remoção cirúrgica total ou parcial dos órgãos genitais externos femininos. A prática remonta a tempos faraônicos, existindo há milênios. Todos os anos, 3 milhões de meninas em 28 países africanos são submetidas a essa prática, bem como milhares de meninas nas comunidades de imigrantes da Europa, América do Norte e Austrália. Em termos globais, de 100 a 140 milhões de meninas e mulheres foram cortadas ou mutiladas.<sup>1</sup>

No Egito, desde o ano de 1997, 97% das mulheres que se casaram ou foram consideradas aptas para o matrimônio, com idade entre 15 e 49 anos, haviam sido submetidas a algum tipo de procedimento.<sup>2</sup> Realizada durante a adolescência, a circuncisão é geralmente denominada *Il Rittan* (excisão). Se trata de um costume arraigado no tecido da vida e da cultura egípcias. A prática transcende fronteiras sociais, econômicas e educacionais. Filhas de advogados e camponeses, mulheres analfabetas e de alto nível de instrução, moradoras de vilarejos e da cidade do Cairo, são submetidas a tal prática. Igualmente aceita por cristãos e muçulmanos, a circuncisão feminina se manteve resistente a mudanças ao longo do tempo. A MGF conta com tanta aceitação, que 3/4 das mulheres egípcias veem-na como um meio para



melhorar sua saúde e higiene (isto é, para manter limpa a área genital e “prevenir que o clitóris cresça como se fosse um pênis”).

Para Khira, tudo começou um dia depois da Páscoa, época de grandes alegrias e comemorações na tradicional comunidade cóptica cristã. Como qualquer menina de 12 anos, ela ansiava por brincar com as amiguinhas. Sem que ela desconfiasse, o dia santo também era uma ocasião para circuncidar as meninas. Khira estava rindo e brincando com as amigas quando sua mãe, acompanhada por uma das tias de quem a menina mais gostava, interrompeu a brincadeira, conduzindo-as para uma tenda ali perto. A jovem não tinha a menor ideia do que estava para acontecer. À medida que foi se aproximando, reparou que um grupo reduzido de homens, entre eles um tio seu, estava parado ali. Eles também faziam parte do plano – para pegar as meninas que não quisessem cooperar e tentassem escapar.

Depois, lá dentro, olhando de soslaio, Khira conseguiu reconhecer os rostos da sua mãe, das irmãs mais velhas, das tias e da avó. Sentado mais de lado e próximo ao catre havia um desconhecido, um homem que mexia nervosamente em uma grande bacia, e também uma chaleira de água, panos e uma gilete sobre a mesinha de trabalho. Esses eram os instrumentos para realizar a circuncisão.

As mulheres começaram a cochichar entre si. Khira ouviu a mãe pedir para que sua filha fosse a primeira, sem saber que o pedido fora feito para garantir que a fina lâmina estivesse reta e afiada, e que o corte fosse rápido e limpo. Então, antes que ela se apercebesse do que estava ocorrendo, as mulheres a cercaram, agarraram os braços da menina, levaram-na até o catre e abriram as pernas dela. Aterrorizada, Khira se rebelou, chutando e gritando, enquanto sua voz era abafada por uma mão firme e os movimentos do seu corpo contidos por braços fortes. O barbeiro entrou em cena com a lâmina. A dor foi insuportável, e a menina perdeu a consciência. Khira acordou em outra tenda, abrindo os olhos e ouvindo as vozes tranquilizadoras da mãe e da avó, enquanto as duas aplicavam compressas à base de cinzas e cebolas no meio das pernas da menina.

Khira não conseguiu caminhar por alguns dias. Ela ficou deitada na cama de pernas abertas para que o ferimento pudesse começar a sarar. Os primeiros passos que ela deu foram dolorosos e cambaleantes. Por meses a fio, ela não conseguiu olhar nos olhos da mãe, da avó ou do pai. Ela tinha pesadelos. Em termos psicológicos, ela tornou-se mais retraída, menos confiante, temerosa de que, não importasse quão bem a vida parecesse estar transcorrendo em determinado período, algo terrível estaria espreitando logo ali ao virar a esquina. Ela jamais voltaria a confiar totalmente em sua família.

...

Passei meus dois primeiros meses no Cairo procurando emprego, abordando várias organizações para conhecer o trabalho que faziam sobre questões atuais de desenvolvimento, e, em geral, buscando orientação para mim mesma. Os assuntos mais preocupantes eram as altas taxas de analfabetismo entre as mulheres e o baixo nível de atendimento de saúde para as mães. Aconteceu de alguém mencionar então a MGF, a prática da circuncisão feminina perpetrada há milênios. Entrei em contato com integrantes de uma força-tarefa egípcia que visava a erradicação dessa prática, e fiquei estarrecida com o pouco progresso, apesar dos esforços feitos em várias décadas para acabar com o uso do procedimento.

À medida que ouvia, tive um *flashback* da primeira vez em que me deparei com a MGF na Mauritania. A circuncisão do tipo III (infibulação, a mais severa de todas as formas) é uma prática comum naquele país, e os órgãos responsáveis pelo atendimento de saúde lidam há muito tempo com os efeitos colaterais de tal prática, que são traumáticos e algumas vezes letais. Estivemos naquele país em nome dos Corpos de Paz. Presenciei muitos debates acirrados entre as jovens que compunham o voluntariado do nosso Corpo de Paz e que manifestavam forte oposição à prática. Prevalciam, porém, o costume e a tradição. Foi-nos exigido que voltássemos atrás, a fim de garantir que as voluntárias continuassem a ser bem recebidas nos vilarejos e para evitar o comprometimento de toda a missão dos Corpos de Paz.

Fiquei assombrada ao descobrir que quase todas as mulheres egípcias eram circuncidadas. Mas eu não podia conceber o quanto as cicatrizes deixadas por tal prática tinham sido capazes de desfigurar suas vidas. Eu também pouco poderia ter imaginado que as sobreviventes da circuncisão genital fossem capazes de reunir a coragem e a perseverança necessárias para mostrar o caminho para profundas mudanças sociais e culturais. Analisando depois, o que me manteve em silêncio foi talvez a minha falta de conhecimento e minha relutância em tratar desse problema. Escutar tudo com a mente aberta me permitiu entrar no velado mundo da MGF e, em última análise, em conjunto com os colegas egípcios, descobrir soluções que partiam do próprio cerne da questão.

À medida que compareci a reuniões no Cairo, comecei a me questionar: existiria um jeito de se aplicar o desvio positivo em um assunto tão delicado? A experiência realizada com a mesma abordagem para sanar um problema de nutrição chamava a atenção, como um farol na cerração, iluminando a possibilidade de se trilhar um caminho pela frente. Porém, pensei comigo



mesmo, o aspecto “positivo” dos “desvios” comportamentais situa-se por inteiro nos olhos do observador. A aceitação da MGF por parte da sociedade no Egito tornava-a um problema mais complexo que o da desnutrição infantil no Vietnã. Lá, todos (a comunidade, a família, o vilarejo e o governo local) haviam se mostrado desejosos de pôr fim ao problema. Quem não deseja que as crianças sejam bem nutridas? Em contrapartida, a MGF no Egito não só é uma prática profundamente enraizada como também é vista como algo desejável. Seria difícil, talvez impossível, mobilizar a comunidade em torno de algo que era considerado um benefício. No papel de uma observadora, quem era eu para questionar uma prática que todas as pessoas, exceto a pequena comunidade contrária à MGF, entendiam como virtude? Mesmo assim, eu não podia ignorar as estatísticas e os relatos feitos. Eles pesavam no meu coração e perturbavam meu sono.

Comparei a outras reuniões sobre o assunto e ouvi como os militantes contrários à MGF desprezavam os pequenos sucessos e as estratégias fracasadas. Certa ocasião, eu estava analisando um relatório sobre um programa educacional de saúde relativo à reprodução humana, voltado para as adolescentes, que abordava o tópico da MGF. Citava-se uma garota que dizia: “Sabemos agora que *Il Rittan* é uma prática terrível. Mas não podemos dizer às nossas mães para não praticá-la nas nossas irmãs menores. Elas não vão nos ouvir. Elas hão de dizer: ‘Mostre-me uma menina não circuncisada que seja casada! Mostre-me uma mulher não circuncisada que tenha decência! Aí então acreditarei em você!’”

Respirei. Mais adiante no texto, outra menina somou sua voz: “Mostrem-nos as pessoas que não fizeram isso, mostrem-nos as pessoas que opuseram resistência, então teremos provas para convencer nossas mães”. Meu braço ficou arrepiado; meu coração disparou. Bem ali, com suas próprias palavras, as jovens pediam para que fossem identificadas exceções nas suas comunidades que as ajudassem a convencer as mães a parar com aquela prática. Talvez aí estivesse a chave para o enigma. Poderíamos prestar auxílio se conseguíssemos encontrar agentes de desvio positivo – aquelas pessoas que desafiam as normas. “Sim”, acrescentou a voz dentro da minha cabeça, “mas, mesmo que sejamos capazes de encontrar tais agentes, não devemos subestimar os desafios que se impõem para derrubar uma tradição de 4.000 anos de idade”.

O controle da virgindade das meninas e da sexualidade das mulheres eram a principal justificativa para a referida prática. A maioria das mulheres acreditava que haviam sido circuncisadas em função da necessidade de sa-

tisfazerem obrigações sociais de pureza, honra e aptidão para o matrimônio, porque os homens tradicionalmente se recusavam a casar com jovens que não tivessem sido circuncisadas. Some-se a isso o fato de que os vizinhos consideravam suspeita a família na qual não era feita a circuncisão. Não é preciso dizer que um posicionamento contrário à prática mantida de modo tão ferrenho é visto como algo desaconselhável, autodestrutivo – em verdade, quase inimaginável. E, assim, o ciclo se perpetua. O receio de sofrer ostracismo social motiva a família e os indivíduos a continuar com tal prática. A excisão é vista como uma salvaguarda de crucial importância, isso com base na crença de que as mulheres que não passam pela circuncisão têm um apetite sexual anormal, que as torna propensas a cometer adultério. Por fim, há a convicção nada lógica de que “cortar é cuidar”. As mães dizem muitas vezes que fazem a circuncisão em suas filhas “por amor”.

O mais surpreendente é que a vida “mais moderna” e a maior mobilidade social das mulheres não foram capazes de dissuadir a prática da MGF, chegando a facilitá-la. Hoje a tendência é que a menina seja circuncisada por um médico ou por outro provedor do serviço de saúde, o que tornou a circuncisão menos dolorosa *fisicamente* devido ao uso de anestesia local. Por outro lado, a tendência de que um número maior de jovens deixem os vilarejos para ir trabalhar e obter instrução nas cidades compele as famílias a levá-las para serem circuncisadas, o que é visto como uma garantia necessária para preservar a virgindade da menina.

Na melhor das hipóteses, a implacável realidade do corte dos genitais deixa as mulheres com menor sensibilidade sexual e suprime a libido, muitas vezes trazendo, como dito antes, traumáticas cicatrizes psicológicas e emocionais que se recusam a desaparecer. Na pior das hipóteses, ocorre um sério processo infeccioso, hemorragias e, algumas vezes, a morte. As cicatrizes psicológicas são transferidas para os relacionamentos que elas forjam com seus futuros maridos. Segundo confidenciou uma jovem de tom de voz suave e hesitante: “É um ferimento que não sara nunca”.

Nas áreas rurais, a circuncisão costuma ocorrer no fim do mês, ou por ocasião das festividades religiosas locais. Como na história de Khira, as mulheres se reúnem e decidem que filhas de quem serão submetidas ao processo de circuncisão. Isso é visto como algo capaz de gerar um elo entre elas (ao qual o termo *mushahree* faz referência). As meninas geralmente se encontram na faixa entre 9 e 13 anos de idade e pertencem ao mesmo clã. As mulheres escolhem então uma pessoa para realizar a operação, geralmente a *daya* (parteira tradicional, sem ter recebido treinamento formal) ou o barbeiro. Diferente-



mente de outros ritos de passagem, o ato é planejado escondido das vítimas. A clandestinidade que antecede ao trauma faz as meninas vivenciarem-no como um choque e depois como vergonha. É comum a ocorrência de hemorragia e infecção. **As meninas se referem ao período da circuncisão como “o dia negro”.**

### ❖ Pequenos passos, uma longa jornada

Sozinha no meu escritório, dando uma olhada nas entrevistas de campo, noto um padrão nos relatos. Várias mulheres diziam que o mundo virara de cabeça para baixo, que haviam sentido medo e uma dor lancinante, seguida por sentimentos de vergonha e traição que não diminuía com o tempo. As histórias de vida começaram a se fundir umas nas outras e a criar uma unidade. Passado e presente, velhas e jovens. Meu escritório silencioso estava repleto das suas vozes, algumas implorando pela confirmação de que tal prática constituía um erro. Esse grito de socorro procurava encontrar uma brecha no muro dos imperativos sociais, uma abertura para que o pleito das jovens não só fosse ouvido, mas também reconhecido, e trouxesse ações. Encorajada pela angústia das meninas e das mulheres, resolvi tentar aplicar a abordagem do DP para tratar do problema.

Ao mesmo tempo em que meu desejo de fazer algo me mantinha acordada à noite, ele era acompanhado por grandes questionamentos que eu fazia a mim mesma. Quais seriam as consequências inesperadas decorrentes das ações adotadas? O que aconteceria se as identidades dos indivíduos e das suas famílias fossem reveladas para a comunidade? Se os informantes fossem descobertos, quais seriam as repercussões? Tratar do tópico da circuncisão genital feminina era algo perigoso e envolvia riscos.

Fui apresentada ao líder da força-tarefa egípcia contra a MGF, e dei alguns esclarecimentos sobre o DP e sobre como tal abordagem poderia ser empregada para tratar do problema da MGF. Depois, fui convidada para dirigir a palavra ao quadro de membros como um todo. Invertendo o problema, apresentei à assembleia a questão do DP em sentido inverso: **“Em vez de centrar o foco nos 97% de mulheres que passaram pela circuncisão”, sugeri, “podemos observar e aprender com os 3% que não passaram por este procedimento – as 300 ou 500 mil mulheres egípcias que não sofreram circuncisão e suas famílias que, até agora, resistem à prática?”**

Após uma longa pausa, eles, entusiasmados, responderam com um “sim!” Mas no Egito, como em muitas outras nações do mundo, o consenti-

mento verbal substitui muitas vezes os recursos e o comprometimento necessário para que de fato se consiga realizar algo. A força-tarefa sugeriu que eu pesquisasse e documentasse a existência de desvios positivos e os fatores que haviam permitido a essas pessoas evitar a circuncisão. Meu contra-argumento foi que a abordagem do desvio positivo não se vale de um especialista de fora para estruturar qualquer caso; ela engaja as organizações locais e, por meio delas, membros da comunidade. Eles deram de pronto uma resposta enfática: tal opção não iria funcionar. Encerrando a possibilidade de seguir debatendo a questão, o líder informal concluiu peremptoriamente: “Ninguém de dentro vai se envolver com o assunto; isso é muito perigoso!”

Dei início a uma investigação dentre as organizações defensoras das mulheres para descobrir se alguma delas estaria disposta a trabalhar comigo em tal missão. Foi difícil. Havia tamanha resistência e a rejeição era tão universal, que comecei até a questionar a iniciativa em si. Pensei em desistir. Aconteceu então, certo dia, de eu almoçar com o chefe local da agência do CEDPA – Center for Development and Population Activities (Centro de Desenvolvimento e Atividades da População). A equipe do CEDPA havia incorporado o problema da MGF no Egito em seu programa educacional de saúde relativo à reprodução humana, destinado às adolescentes. Sabendo que eles estavam bem cientes dos obstáculos, me senti livre para mostrar minha frustração. O diretor interrompeu minhas lamentações no meio: “Vamos tentar!” De repente, os obstáculos haviam se dissolvido. O primeiro e o maior obstáculo – encontrar um apoiador local – havia sido superado.

Com um pequeno esforço dirigido especificamente para a erradicação da MGF, o CEDPA lançou as bases para um projeto-piloto com um parceiro a ser ainda definido. Precisávamos agora reunir a equipe. O número de “candidatos” não era muito grande. (A maioria deles se apavorava só de tocar no assunto.) Acabamos optando por ficar com quatro pessoas bem diferentes entre si: Romany, Shahira, Soumaia e eu mesma. De início, tínhamos em comum apenas o fato de sermos conhecidos como “a equipe do DP”. Nenhum de nós tivera antes qualquer experiência direta de trabalho na área da MGF.

Romany era um homem jovial e sensível, que supervisionou as atividades do programa implementadas pelas organizações parceiras do CEDPA. Seu sorriso largo e sua voz tranquila foram importantíssimos para dissipar tensões e trazer confiança. Um cristão cóptico, Romany abraçou de imediato o conceito do DP, assumiu um papel de liderança na equipe, conseguindo sempre encontrar uma forma positiva de enfrentar os desafios.

Soumaia ainda estava se recuperando de um sério acidente de carro que lhe trouxe uma dor crônica. Ela era uma pessoa muito religiosa e o cristia-



nismo servia de combustível para sua determinação na vida. Embora ela, por natureza, não fosse uma especialista do DP, ela fizera sua inscrição determinada a fazer a abordagem funcionar. No papel da mais reservada integrante da equipe, ela se recusava a compartilhar as experiências que teve com “aquilo”. Cética, ela desafiava nossos pressupostos, questionava nossas estratégias e nos obrigava a andar na ponta dos pés.

Shahira ingressou na equipe como minha intérprete. Médica e muçulmana devota, ela usava um manto com véu. Seu manto prendia o olhar de quem a via em seus grandes e inteligentes olhos azuis. Ela falava francês fluentemente (minha língua nativa), tendo frequentado uma escola católica francesa, seguindo o que era costume na elite do Cairo. Tal elo provou ser de grande importância, transformando uma relação colegial em amizade duradoura. O espantoso era que, aos 35 anos de idade, Shahira alegava pouco saber a respeito da circuncisão feminina (talvez por constrangimento em admitir aos ocidentais a predominância da prática). Se você não convive com o problema, não ouve falar muito sobre ele. Ela superou os obstáculos e entrou de cabeça nas estatísticas e nas histórias que não mentiam. Ela se tornou uma opositora apaixonada da prática da circuncisão. Tradutora talentosa, ela desempenhou um papel central de interligação entre eu (a estrangeira), nossos parceiros egípcios e a comunidade como um todo.

E lá estava eu, uma declarada agnóstica, uma estrangeira, uma mulher e uma ocidental. Lá estava a “especialista” em uma abordagem de nome paradoxal, pretendendo aplicá-la a uma prática onde ninguém havia ainda se atrevido. Para minimizar influências externas no processo, virei consultora técnica da equipe. Por não ser egípcia, eu tinha sérias limitações culturais e linguísticas. Sentindo-me pequena frente à audácia do experimento e intimidada por se tratar de um assunto bastante delicado naquela cultura, eu geralmente evitava julgar, dar opiniões ou sugestões. Tratava-se de um problema egípcio que só os egípcios seriam capazes de solucionar.

Concluiu-se a primeira reunião da equipe do DP em moldes bem egípcios: encomendando uma comida e dividindo a refeição no escritório. Costumávamos jantar juntos sempre que possível. Isso ajudava a construir os relacionamentos, a consolidar nossa equipe, a definir os papéis e a desenvolver confiança. A confiança se tornou uma condição *sine qua non* do projeto. Tive de confiar na minha equipe, e eles em mim e no processo. Eles faziam o papel dos meus olhos, traduziriam minha voz e faziam uso das minhas habilidades, como se guiassem uma pessoa cega em um labirinto.

### ❖ Em busca de um lugar capaz de oferecer segurança

Nossa convicção era maior que a árdua tarefa que se colocava pela frente, e começamos a selecionar uma ONG local que desejasse testar o processo do DP em nível de uma comunidade. Essa foi uma etapa de crucial importância: descobrir um parceiro local que se dispusesse a prestar sua contribuição em torno de um “assunto tabu” e a abrir mão da descrença (considerando que não dispúnhamos de uma fórmula comprovada nesse campo, nem de uma comprovação de sucesso prévio).

O antigo código de silêncio que cercava a MGF tornava a busca extremamente difícil. Muitas portas se fecharam depois da realização de uma primeira reunião civilizada. Os líderes (preponderantemente homens) de muitas dessas organizações locais reagiram com espanto, dado o caráter audacioso do empreendimento. O espanto se deteriorou e virou incredulidade face à afirmação de que algumas mulheres egípcias não só não eram circuncidadas, como, algo ainda mais surpreendente, a maioria das mulheres do mundo tampouco eram. Um dos diretores fixou seus olhos diretamente nos meus como se fosse aplicar um teste detector de mentiras: “A senhora não é circuncidada?” perguntou ele. “Não. Na França, as mulheres não são circuncidadas”, respondi. Ele ficou pasmo e, depois de um silêncio constrangedor, se pediu licença e saiu. Ficando para trás, sua assistente mulher, presente todo o tempo e escutando discretamente, perguntou de forma tímida: “Se você não for circuncidada, você não sente vontade de fazer sexo o tempo todo?” “Não, algumas vezes sinto dor de cabeça”, respondi. Isso provocou muitas risadas, provando que algumas estratégias femininas são universais.

A chamada COST – Coptic Organization for Services and Training (Organização Coptica de Serviços e Treinamento) é uma organização cristã administrada por uma freira muito carismática, conhecida como Irmã Yoanna. A COST teve grande envolvimento na militância contra a prática da MGF durante muitos anos, em um sistema de parceria com várias comunidades locais. Ela havia organizado encontros para a conscientização do problema, e ministrado palestras de especialistas médicos e líderes religiosos. Aqueles que lá compareciam costumavam escutar de maneira respeitosa e expressavam comprometimento com a mudança – mas depois procediam a circuncisão em suas filhas do mesmo jeito. A simples transmissão de “conhecimentos” não estava funcionando.



A Irmã Yoanna logo expressou de imediato sua disposição em tomar parte nessa arriscada aventura, ao contrário de todos os demais que abordamos. A ordem que ela integrava se dedicava ao alívio do sofrimento. A redução da MGF chegou a ser prioridade por toda uma década, mas os esforços realizados tiveram pouco sucesso. Em uma cultura de mudanças determinadas pelas autoridades, a ideia de que pessoas dentro da comunidade que resistiam à prática intrigava a Irmã Yoanna. Procuramos buscar meios de apresentar a abordagem do DP a voluntários em potencial, de um modo que a tornasse culturalmente acessível e convincente. Depois de muito discutir, concluímos que, se conseguíssemos identificar os próprios casos de desvio positivo, o depoimento prestado por eles mesmos seriam nossa maior esperança.

Mas, existiriam tais pessoas? E estariam elas dispostas a divulgar sua condição de não circuncidadas e suas convicções contrárias à MGF? Como esperávamos um grande nível de descrença culturalmente arraigada, precisávamos de provas contundentes. (Mesmo que encontrássemos mulheres dispostas a falar sobre o assunto, ninguém aceitaria apenas nossa palavra.) Romany propôs que gravássemos as entrevistas com os agentes dos DPs em vídeo. Exploramos a ideia junto à força-tarefa da MGF. Eles a rejeitaram logo de cara: “Vocês devem estar brincando! Vocês não vão encontrar ninguém que se disponha a falar sendo gravado em vídeo!” Não dando ouvidos, desafiei os membros da equipe a conferir se aquilo era verdade. Em uníssono, eles se mostraram temerosos, dizendo que se tratava de algo não apenas estranho em termos sociais, como também de um problema garantido. Relutando, talvez para não me desapontar e por esperarem que suas descobertas me fizessem aceitar o quadro, um por um eles concordaram em procurar as possíveis candidatas para o depoimento gravado. Combinamos de fazer uma tentativa e a tornarmos a nos reunir depois de duas semanas.

Quando nos encontramos de novo, havia sido possível identificar tanto homens quanto mulheres – um grupo surpreendentemente heterogêneo, com pessoas provenientes de áreas rurais e urbanas – que se mostravam dispostos a falar. A amostragem incluía uma avó, pais que haviam se recusado a fazer o processo de circuncisão em suas filhas, um homem casado com uma mulher que não fora circuncidada e um médico que havia deixado de praticar a MGF. Duas das possíveis pessoas a prestar depoimento tinham diploma universitário, duas eram presidentes de agências locais de desenvolvimento comunitário, duas eram semianalfabetas. O mais importante é que todas haviam concordado em serem gravadas em vídeo. Dentre os voluntários, escolhemos seis, com base na complementaridade das suas narrativas e na

facilidade de logística. Contra todos os prognósticos, parecia que estávamos prontos para lançar o programa.

Quando estávamos quase gravando nossa primeira entrevista em vídeo, surgiu um imprevisto: a primeira mulher se recusava a participar da gravação frente a um operador de câmera que lhe era estranho. Feliz e inesperadamente, alguém da nossa equipe a conhecia e pode substituir o referido operador de câmera.

Aprendemos muito com essa primeira sessão. Foi mesmo muito estranho para homens e mulheres falar abertamente sobre sua condição de “desvios positivos”, especialmente diante de uma câmera. Daí em diante, para estabelecer laços de afinidade e confiança antes das gravações, mantivemos encontros preliminares que visavam a criar um ambiente seguro, um menor nível de estresse e a deixar os entrevistados mais à vontade. As gravações posteriores passaram a ser feitas sem qualquer empecilho. Logo tínhamos um estoque de depoimentos e uma equipe encorajada e dotada de um novo propósito comum. Era hora do próximo passo.

### ❖ Tornar o aprendizado seguro

Muitos grandes problemas seguem sem resolução porque o caminho para a sua solução está cheio de riscos sinistros (o que é claramente o caso no Egito). Quando se contemplam novos modos de fazer as coisas, a perspectiva de mudança pode causar sentimentos conflitantes e tirar bruscamente as pessoas de sua zona de conforto. Essas são apenas algumas das razões que dificultam a mudança.

A Irmã Yoanna, a equipe e eu estávamos todos bem cientes de que tínhamos nos metido em algo perigoso – não só para nós, mas também para os potenciais voluntários. Era possível que isso expusesse futuros agentes de desvios positivos, que eles fossem ridicularizados ou ficassem sujeitos à retaliação, caso aquilo que defendiam viesse a desafiar o *status quo*. Até mesmo os militantes anti-MGF que não estavam envolvidos no nosso projeto poderiam vir a sofrer ameaças. Sim, é possível que as autoridades quisessem a mudança. Mas a maioria tende a se sentir mais à vontade quando *elas* impõem as soluções. Alguns podem se sentir pouco à vontade com o nosso tipo de processo, instaurado de baixo para cima e no qual não conseguem prever as consequências. A Irmã Yoanna parecia ter aceito os riscos envolvidos. Ela estava disposta a seguir o trabalho sem querer ter todas as respostas de antemão.



A ansiedade muitas vezes aumenta quando as pessoas tentam as mudanças sozinhas. Por outro lado, quando os membros de um sistema social mais amplo se engajam conjuntamente, o medo causado pela ruptura e pela mudança talvez seja menor. O fato de envolver a comunidade em um trabalho de risco gera um senso de apropriação e, mais importante ainda, um senso de “controle”. Números maiores incentivam os membros a questionar os posicionamentos ortodoxos e enfraquece o *status quo*. Surge uma dinâmica, à medida que os participantes sentem que são eles que estão conduzindo a enquete, e não viajando como passageiros no ônibus de outra pessoa.

Muito pode ser feito para reduzir essas barreiras por meio de uma cuidadosa reflexão sobre a “coreografia” do processo. A mobilização de um grupo requer uma sensibilidade muito especial para a arquitetura social que une as pessoas. Uma atenção considerável foi dedicada à fase de estabelecimento do processo. Pensamos bastante sobre quem deveríamos envolver no processo. A inclusão deveria contemplar outras pessoas, além daqueles em quem normalmente se pensaria. Aonde iríamos nos encontrar? Como daríamos início ao diálogo? (Ver a caixa “A coreografia do diálogo” para mais detalhes sobre a oficina.)

Algo essencial para o processo é a autenticidade do convite em si. Uma vez que as pessoas se mostrem curiosas e potencialmente comprometidas com o processo e aprendam o conceito do DP e exemplos vindos de outros contextos, aquele grupo de pessoas reunidas terá *totais* condições para decidir ficar ou para sair. (Esse é o significado autêntico de um “convite” – você pode aceitá-lo ou recusá-lo. O “não” deve ser uma opção viável e politicamente aceitável, que legitime o compromisso que venha a ser assumido.)

## ❖ O monastério

Comandados pela Irmã Yoanna, planejamos uma oficina sobre o processo do DP com a equipe COST e com os parceiros de desenvolvimento das comunidades de dois vilarejos. Ela seria ministrada em um local bem inusitado: um monastério cóptico situado às margens do Nilo, próximo à cidade de Beni Suef. Por questões de segurança, a Irmã Yoanna escolheu a reclusão simbólica das grossas paredes protetoras do monastério para o evento, que teria duração de três dias. Se as autoridades ficassem sabendo dos nossos planos, todo o projeto teria sido fechado. No Egito, por lei, as ONGs precisam informar às autoridades locais a respeito de qualquer atividade ou treinamento que venham a empreender.

### A coreografia do diálogo

O último dia da oficina destinou um tempo significativo para a prática, a fim de que os participantes pudessem treinar técnicas de audição, já que ninguém tinha qualquer experiência anterior nisso. A metodologia utiliza muito da larga experiência de “construção comunitária” – Marvin Weisberg, Saul Alinsky, Dan Yankelovich e Peter Block, citando apenas alguns dos seus principais contribuidores.

Começamos debatendo de que modo nos conectamos com as pessoas. Falamos sobre como se constrói uma relação de confiança, pedindo aos participantes que relatassem suas próprias experiências no assunto. Eles compartilharam suas histórias (p. ex., a de começar a conversar com um estranho no ônibus). Surgiram padrões de envolvimento: a importância do espaço, de medir o ritmo da conversa, não se arriscando a fazer perguntas diretas, formulando perguntas abertas, gastando tempo para falar sobre coisas triviais, achando uma abertura por meio da qual a conversa flua naturalmente.

O grupo passou então a gravar as pessoas assumindo diferentes papéis, com base em situações possíveis. Os roteiros fizeram os voluntários relaxarem e diminuíram sua ansiedade em abordar o assunto circuncisão. A brincadeira lhes permitiu praticar comportamentos que eles haviam recém debatido, com destaque para o efeito paliativo do humor. O riso é a menor distância entre duas pessoas. Ele diminui a tensão e deixa as pessoas à vontade. Após cada sessão de prática, trocavam *feedbacks*, para aprimorar a qualidade das entrevistas realizadas.

Durante a viagem de carro de 3 horas e meia entre o Cairo e Beni Suef, o silêncio da nossa equipe era de espantar – um nervosismo pelo que estávamos a ponto de fazer. Nós não nos sentíamos preparados e estávamos apreensivos quanto ao que pudesse acontecer. “O que aconteceria se” tinha me deixado acordada até a manhã. Em minha cabeça, uma voz dizia que isso não era problema meu. Apesar das horas gastas em planejamento, talvez não conseguíssemos vencer a tarefa.

Em meio aos fortes ventos de um dia de dezembro, no qual o frio era invadido pelo canto de um pássaro que acabava com o silêncio do monastério, nos reunimos como conspiradores. O tremor vinha tanto do medo e da ansiedade quanto da baixa temperatura. Eu contemplava a pequena calhanda-do-deserto no pátio interno do monastério, o ressoar do seu canto camuflando seu tamanho diminuto. Nossas vozes também procuravam quebrar o silêncio de um tabu secular. Assim como a calhanda, sentíamos-nos pequenos e frágeis perante a amedrontadora muralha dos costumes.

Graças ao avanço do trabalho dos nossos parceiros das comunidades, 18 voluntários se reuniram no monastério naquele dia, inclusive representantes da comunidade dos vilarejos, nossa equipe, o pessoal da COST e a própria Irmã Yoanna. Havia membros da comunidade provenientes dos vilarejos de Ezbet Girgis e Abu Hashem. Curiosa, observei como, nos primeiros momen-



tos, os indivíduos circulavam em torno uns dos outros em procurando conforto e diminuir sua ansiedade. A equipe se amontou em separado de um lado da sala, e os habitantes dos vilarejos do outro. Estávamos desafiando normas bem estabelecidas ao reunir o pessoal de uma ONG e os habitantes dos vilarejos. Isso, por si só, representava uma experiência totalmente nova para eles. O rompimento com uma tradição tão entranhada e de tão largo alcance iria requerer um modo inteiramente novo de conexão e diálogo de uns com os outros. Precisávamos reduzir a distância entre as classes e gêneros. Precisávamos forjar a confiança entre os participantes que estavam a ponto de se unir e fazer revelações que, por si só, eram um ato tácito de traição das normas comunitárias. Duas das participantes mais jovens – Khira, do vilarejo de Abu Hashem, e Warda, de Ezbet Girgis – estavam sentadas afastadas dos adultos, cochichando entre si, evitando o olhar dos demais. Seus rostos estavam pálidos e elas pareciam estar pouco à vontade. Estaria eu enganada em notar tristeza? Qual seria a história que elas tinham para contar? Por que elas estavam ali?

Começamos a compartilhar as histórias pessoais para determinar as experiências comuns nas diferentes histórias de vida. Vasculhamos nossos bolsos e carteiras à procura de fotos, cada pessoa mostrando suas fotos de família, que eram então repassadas para que todos na sala pudessem vê-las. Conversas formais e afetadas se transformaram em relatos curiosos sobre as pessoas amadas, a vida, os sonhos acalentados para nossos filhos, sobrinhas e sobrinhos. A sala ganhou calor humano. Descrevemos situações anteriores que tornaram real o processo do DP. Se os participantes do grupo decidissem tomar iniciativas buscando um avanço e descobrissem as soluções, seriam eles que decidiriam o que aconteceria a seguir.

Uma característica importante no processo do DP é o foco no problema em si. Samuel Johnson observou certa vez que “nada deixa a mente tão focada quanto assistir um enforcamento pela manhã”. Deixando de lado a imagem mórbida, a citação capta o cerne da questão. Se os voluntários conseguissem ver as consequências da MGF como reais e importantes para merecerem ser objeto de atenção e tratamento, e se juntassem esforços nesse sentido, eu sabia que muitos dos obstáculos aparentemente insuperáveis de hoje desapareceriam pouco a pouco. Um sistema social se reconfigura de maneira misteriosa, e seus integrantes se transformam junto com ele.

Com o grupo mais relaxado, começamos a exibir as gravações de vídeo. Os participantes assistiam e ouviam atentamente, mas pareciam levemente atordoados e pouco à vontade quando detalhes pessoais eram revelados. Quando os vídeos acabaram, pedimos para ouvir as reações. Para nosso es-

panto, o primeiro impulso deles foi literalmente de choque, raiva e negação. “Por que vocês nos mostraram essas pessoas? *Eles são atores!* Por que eles estão falando desse jeito sobre *Il Rittan*?” Demorou bastante para conseguirmos convencer aos que estavam ali reunidos que se tratavam de pessoas comuns falando sobre suas experiências pessoais com emoção e sentimento sinceros. Interessante! Falar contra *Il Rittan* era inconcebível, mesmo para aqueles que se dispunham a questioná-lo.

Nossas respostas conseguiram erguer uma ponte temporária por sobre nossa falta de credibilidade naquele momento. O grupo pediu então para ver a fita de novo. Nós obedecemos com prazer. Dessa vez a importância do que eles assistiam começou a transpor o abismo da descrença. Perguntas começaram a surgir. “Como isso foi possível?” “Como vocês encontraram essas pessoas?” “O que fez com que as pessoas contassem essas histórias para vocês?”

Explicamos de que maneira havíamos conseguido encontrar voluntários e sob que circunstâncias eles haviam concordado em ser filmados. A Irmã Yoanna tocou o cerne da questão: “Como foi que essas pessoas confiaram em vocês?” Respondi a pergunta com outra pergunta: “Exatamente, como alguém consegue gerar confiança? O que é necessário para se criar uma atmosfera na qual as pessoas falem?” Todos tinham um parecer quanto a isso. Conversas simultâneas tiveram início nos subgrupos. A sala logo se encheu com o alto som daquele padrão egípcio singular de manter um diálogo particular em meio à confusão.

Chegou a hora do jantar. Animados, mas exaustos, sentimos o aroma de uma refeição preparada pelas freiras e que consistia de sopa de lentilha, carne de carneiro fervida, massa e arroz. Risadas sinceras, comemoração e alívio enchiam o salão de jantar do monastério. Sentíamos que estávamos à beira de algo grandioso. Depois do jantar, o grupo saiu e ficou em silêncio, assistindo às últimas faíscas de pôr do sol no soberbo Nilo.

De volta à sala, duas lâmpadas de querosene eram responsáveis por uma fraca iluminação. Uma mulher cochichou para a nossa tradutora que tinha uma história para compartilhar. Ela começou a falar: “O que vou contar a vocês, nunca compartilhei antes com ninguém, nem com membros da família, nem mesmo com minha querida irmã”. Abaixando os olhos, sua vista se fixou nas mãos que tremiam unidas sobre o colo em um gesto de constrangimento, e as palavras lhe saíram desordenadas, uma após a outra. Ela narrou o dia em que sofreu a circuncisão, com a idade de 12 anos.

“Não consigo esquecer daquele dia. Foi o dia mais negro da minha vida. Me senti humilhada e envergonhada. Isso foi no dia *Eid* [um feriado muçulmano]. Minha tia passou na minha casa e disse: ‘Venha assar biscoitinhos na



minha casa.' Fui lá e encontrei outras meninas da mesma idade, todas do clã da nossa família. Nos colocaram em uma peça com a *daya* e com algumas mulheres da família. Antes da minha vez, tive de assistir à circuncisão que estava sendo feita em uma das minhas parentes. Berrei e bati na porta tentando escapar à cena, mas sem sucesso. Sangrei por quase dez dias antes de me levarem ao hospital. Depois disso, tinha medo até de passar em frente à casa da minha tia”.

Quando ela terminou, muitos olhos estavam marejados e rostos molhados pelas lágrimas. Um silêncio prolongado de reflexão tomou conta da sala. Aí se quebraram as barreiras. Outra participante começou a falar sobre os sentimentos ambivalentes que nutria em relação à prática. Mais uma falou, e depois outra ainda. A grande onda de abertura e compartilhamento se estendeu ainda durante um bom período noite adentro. Khira e Warda não disseram nada, mantendo-se em silêncio e pouco à vontade.

Na manhã seguinte, era possível sentir uma grande diferença na atmosfera entre o grupo. A tensão e a ansiedade do primeiro dia tinham se dissipado. O rompimento com o código de silêncio sobre *Il Rittan* e o compartilhamento das experiências pessoais havia forjado um elo em comum.

O segundo dia teve início com um debate sobre as origens da MGF e sobre sua prática corrente no Egito. Pediu-se aos participantes que se reunissem em pequenos grupos e traçassem o perfil de tal prática nas suas comunidades. Mais tarde, eles compartilharam os pontos de maior destaque com todos. Alguns falaram sobre sua experiência ao lutar contra a prática, salientando as dificuldades e os obstáculos que haviam encontrado ao longo da trajetória.

Depois, naquela mesma tarde, as atenções se voltaram de novo para os testemunhos individuais assistidos em vídeo. Indagamos: “Que termo seria adequado para designar essas pessoas?” O consenso do grupo foi para o termo árabe que designa “modelo exemplar”. (Nem todas as culturas aceitam a expressão *desvio positivo*. Usamos o que funcionar.) Pedimos a eles que pensassem sobre que tipo de pessoa em suas comunidades seria capaz de se recusar a praticar *Il Rittan* ou deixaria de proceder à circuncisão de outras das suas filhas depois de ter procedido à circuncisão da primeira. A discussão gerou uma lista de modelos exemplares em potencial. O grupo decidiu que, além das mulheres e jovens que não haviam sido circuncidados, indivíduos que tivessem conseguido convencer integrantes da sua família ou amigos a não praticarem a circuncisão em suas filhas deveriam ser incluídos na lista. A lista foi ainda aumentada para incluir os *sheikhs* e padres que sabidamente se opunham a tal prática.

“E os homens que são casados com mulheres que não passaram pela circuncisão?” indagou um integrante homem da equipe da CDA, pronunciando-se pela primeira vez. Além disso, alguns doutores e algumas *dayas* não estão mais dispostos a realizar o procedimento. Outra jovem acrescentou: “Algumas filhas circuncidadas imploram junto a seus pais para que suas irmãs menores sejam poupadas e obtêm sucesso”. Todos concordaram que os citados também eram, por direito, agentes de DPs. Mais nomes na lista. Perguntas que nunca haviam sido feitas antes traziam respostas nunca antes imaginadas.

O grupo explorou a seguir como iriam abordar as pessoas que constavam na sua listagem. O principal objetivo, todos concordavam, era pedir às pessoas que contassem suas histórias. Havia um momento específico que moldou suas convicções acerca da MGF? Uma vez iniciado o diálogo, perguntas de *follow-up* poderiam captar estratégias de sucesso no sentido de convencer os demais, assinalar os obstáculos enfrentados, e esclarecer como os entrevistados haviam procedido para superá-los. Por fim, era importante questionar o que deveria ser feito e o papel que tais pessoas se dispunham a desempenhar. E ainda mais importante, tais diálogos precisavam encerrar formulando uma pergunta crucial: “Você conhece outras pessoas que se dispõem a falar sobre o assunto?”

Enquanto isso tudo transcorria, Khira e Warda se mantinham em profundo silêncio. Sondei para saber qual era a opinião de Shahira. Só então fiquei sabendo que Khira havia confidenciado na noite anterior que devia se casar com um primo direto, mas que inúmeras vezes postergara o casamento prestes a acontecer. Ela tinha medo de intimidades devido ao trauma causado pela circuncisão.

Mais tarde, na noite daquele dia tão produtivo, outros participantes compartilharam suas dolorosas experiências pessoais. Dessa vez, Khira e Warda mostraram-se dispostas a tomar a palavra. Surpreendendo a todos nós, Warda confidenciou que não era circuncidada, sempre acreditando até então que havia algo errado com ela por “não ser cortada”. Sua irmã mais velha teve uma experiência tão terrível com *Il Rittan* que conseguiu convencer a mãe a não causar tal sofrimento nas irmãs mais novas. Para Warda, o fato de não ser circuncidada significava se sentir à parte das demais meninas, ser estigmatizada e temer que nunca pudesse se casar. Na conversa ela percebeu de que a atitude da mãe foi um ato de coragem. Agora ela própria reconhecia ter a missão de voltar à sua comunidade e procurar por meninas não circuncidadas como ela.



Khira, incentivada pelo relato da amiga e pelo círculo de confiança que nos cercava, recontou a dolorosa experiência que abriu este capítulo. Ela concluiu com as seguintes palavras: “Com base naquilo que aprendi aqui, não sinto mais vergonha agora. Vergonhoso foi aquilo que me aconteceu antes”.

Por ocasião do término da oficina, os participantes se comprometeram a agir e procuraram dar início às ações assim que possível. Eles decidiram se encontrar de novo dentro de seis semanas para compartilhar novos dados. A partir das informações colhidas nas experiências, eles planejavam seus próximos passos.

Era hora de refletir sobre a nossa jornada. No primeiro dia, poucos haviam acreditado que existiam agentes de desvios positivos no seio de suas comunidades. (E, se eles existissem, não falaria.) Por volta do terceiro dia, todos os indivíduos haviam identificado alguns agentes de DPs com quem eles tinham contato pessoal. Os participantes compartilhavam revelações: “Por que eu não havia notado antes os agentes dos desvios positivos?” “Estive errado todo esse tempo por aceitar uma tradição sem questioná-la?” A auto-crítica trazia desconforto e dor. Para alguns, ficou a seguinte realização: “Por que continuamos a ferir aqueles a quem tanto amamos?”.

Com conhecimento e contando com o apoio uns dos outros, as equipes investigadoras se organizaram em pares para cumprir uma árdua tarefa à frente: identificar e entrevistar os indivíduos das suas comunidades que haviam dito não à MGF. Dizer que estavam confiantes e à vontade com sua tarefa seria mentira. Muitos confessaram mais tarde o quanto se sentiam inseguros, assustados com a missão, e o quanto lhes apavorava o fato de tocar em um assunto tabu.

Nós também estávamos com medo. O quanto estávamos nos expondo não ficou totalmente claro para mim até o retorno para o Cairo. Gastei as seis semanas seguintes aguardando e esperando pelo pior. A experiência no monastério demonstrara que o processo do DP funcionava com os voluntários. Mas também revelou a complexidade do assunto e os grandes obstáculos na nossa trajetória. O que me mantinha acordada era o pensamento de que eu havia colocado as vidas dos voluntários em risco. Continuei dizendo a mim mesma para confiar nas pessoas e no processo. Tudo sairia bem. Mas o sono continuava prejudicado.

Seis intermináveis semanas! Finalmente chegava a hora de voltar ao monastério e ouvir as novidades. O primeiro grupo a chegar foi a equipe de Ezbet. Fiquei admirada ao vê-los entrar trazendo mais pessoas a reboque. Os agentes de DPs, descobertos durante o processo de entrevistas, queriam agora fazer parte do nosso projeto.

Nossa pequena sala, com as paredes pintadas de branco, logo se encheu de pessoas falando e rindo, uma reunião de velhos amigos aliada às boas-vindas para os recém-chegados. Todos pareciam ansiosos e impacientes para falar. Contrastando muito com o início forçado da primeira oficina, era palpável o entusiasmo, a esperança e o forte senso de propósito. À medida que fomos nos acomodando, casos curiosos foram sendo relatados. Os entrevistadores estavam espantados com a vontade de falar demonstrada por cada membro da comunidade, depois que eles conseguiam vencer a dificuldade de dar início ao diálogo. Os ouvintes foram para casa e discutiram aquilo que tinham ouvido com suas famílias. Uma mãe pediu perdão à filha pelo mal que lhe havia infligido. Uma avó prometeu deixar de pressionar a filha para que as netas fossem circuncidadas.

“Sempre fui tão fria com meu marido que ele pensava que eu amava outra pessoa”, disse Om Mayada. Ela entendeu que a circuncisão havia comprometido muito sua capacidade de ter relações íntimas. O relacionamento entre os dois era tão problemático em termos emocionais quanto debilitante em termos psicológicos. A experiência que ela teve a fez recusar que suas três filhas fossem circuncidadas. Seguindo essa mesma linha, um homem falou sobre sua recusa em permitir que fosse feita a circuncisão na filha em função do quanto ele sofria com a passividade sexual e o medo de intimidade da esposa.

Foi então que Mohammed falou. Pai de três meninas, ele circuncidou sua filha mais velha, o que causou a perda da confiança e do amor da mesma. Agora ele se opunha totalmente à prática em suas filhas mais jovens.

Várias jovens e mulheres alegavam ter escapado da circuncisão por intervenção de uma irmã mais velha. Maiaka conversou com a mãe sobre a vergonha e o horror que sentira por ter sido exposta aos olhos de um estranho, sobre seu profundo sentimento de traição e, por consequência, de desvalorização. Ela conseguiu persuadir a mãe a poupar a sua irmã mais jovem.

Omar prendeu a atenção de todos ao relatar de que maneira um diálogo que teve com um integrante do grupo foi capaz de mudar sua vida. Ele tinha quatro filhas, mas apenas as duas mais velhas haviam sido circuncidadas. **A segunda sangrou até praticamente morrer depois da circuncisão, e ele então não permitiu que sua terceira e quarta filhas passassem pelo mesmo processo, apesar de saber que isso poderia trazer a condenação por parte da sua família e dos vizinhos.** “Durante os últimos cinco anos”, confessou Omar, “não vinha conseguindo dormir, pensando que havia tomado a decisão errada. Então vocês entraram na minha casa e ouviram a minha história. Vocês



me disseram que eu tinha feito um ato de bondade. Foi uma grande bênção. Eu fiz a coisa certa! Agora posso falar com os outros homens do meu vilarejo e dizer-lhes que não permitam que suas filhas sejam circuncidadas. Direi a eles: 'Olhem para mim! Tenho quatro filhas. Todas, como vocês bem sabem, são meninas boas e virtuosas. Duas são circuncidadas e duas não são. A única diferença entre elas é que a duas eu feri muito e as outras duas eu salvei.'"

Profundo e surpreendente, o maior impacto causado pelas conversas nas seis últimas semanas foi sobre os próprios integrantes do grupo. Sim, o relato das histórias exercia um efeito de catarse sobre quem as contava. Mas exercia também um forte efeito sobre os ouvintes dos relatos. Muitos buscaram nos depoimentos a determinação e coragem para militar contra a prática.

Ao retornar ao seu vilarejo após o encontro no monastério, Khira reuniu a uma dezena de jovens que haviam sido circuncidadas naquele mesmo dia fatídico em que ela própria o fora. Ela relatou o que havia aprendido. A mesma jovem que não conseguia levantar os olhos nem falar durante os primeiros dias do encontro no monastério pedia agora com urgência que suas amigas unissem suas vozes à dela. "Lembrem daquilo que nos aconteceu. Lembrem da dor, do sangramento, da vergonha". Suas amigas, evitando olhar uma nos olhos da outra, pareciam concordar. Reviver tais memórias lhes causou dor. "Devemos permitir que isso aconteça às nossas irmãs?", perguntou Khira. As jovens sacudiram a cabeça com vigor. "Essa tradição precisa acabar", proclamou ela. "Vamos sair daqui e falar com nossas mães". E assim elas fizeram.

### ❖ As mulheres do poço

À primeira vista, a cena do poço, um retrato vivo do encontro e da mistura de mulheres velhas usando roupas conservadoras com jovens meninas usando vestidos floridos, era igual ao que sempre fora. Durante milhares de anos, em centenas de vilarejos do Egito, mulheres de todas as idades haviam se reunido em torno dos poços de maneira idêntica, a fim de pegar água para as tarefas domésticas, e a fim de fazer fofoca e de rir, e dividir suas alegrias e dificuldades. Porém, naquele dia, algo estava diferente. Khira, a jovem de 16 anos, nascida ali, que nunca foi à escola, e que recentemente saiu do vilarejo pela primeira vez na vida para participar de uma oficina durante três dias, estava se comportando de modo diferente. Ela era uma das ativistas comunitárias que haviam se reunido para debater a questão da MGF.

"O corpo é o mesmo, sua conduta é diferente", sussurrou uma velha mulher às suas companheiras, enquanto Khira se aproximava do poço. À medida que a jovem se aproximava, a mulher mais velha disse: "Você está diferente, Khira. Seus olhos foram abertos. Seus ouvidos foram abertos. Você está falando sobre coisas importantes".

Khira respondeu, sem demonstrar embaraço: "Não são minhas orelhas, nem os meus olhos, mas algo maior. É a minha cabeça. Ela estava sombria e fechada, e agora ela se abriu e viu a luz".

Depois das oficinas no monastério, o movimento seguiu seu fluxo. Juntaram-se esforços pelas redes de apoio, mantendo o ímpeto do projeto. As iniciativas dali resultantes combinavam voluntários, agentes de DPs e a equipe da ONG. Durante as semanas seguintes, os voluntários relataram ter conseguido convencer pelo menos um membro da família ou da comunidade a não circuncidarem suas jovens pré-adolescentes. Dentre as oito comunidades que participavam do projeto, que havia sido ampliado, duas relataram que nem uma única jovem fora circuncidada durante a estação tradicional da MGF no ano seguinte.

### ❖ Consequências

Em fevereiro de 2004, voltamos ao Egito para descobrir o que aconteceu durante os cinco anos desde a nossa partida. Estava frio, o que era pouco comum no Cairo naquela época do ano. Eu estava preparada para sofrer uma decepção, antevendo que, decorridos cinco anos, as sementes que haviam sido espalhadas não teriam sido aproveitadas ou teriam se transformado em algo diferente das intenções originais. Minhas anotações mostram que o resultado era bem o oposto:

Eu não estava preparada para aquilo que testemunhamos nos últimos cinco dias no campo. O governo está conduzindo o programa "FGMA – Female Genital Mutilation Abandonment" (programa para Abandono da Mutilação Genital Feminina) em três unidades governamentais do Alto Egito (Quena, Assiut e Minya). A iniciativa conta com o apoio da Unicef. Um estudo egípcio publicado no ano de 2000 demonstrou que a prática da MGF caiu para 93%, sofrendo uma queda de 4% em um período de três anos. Havia chegado a hora?

Homens velhos e jovens ali, os *sheikhs* com seus turbantes e tom autoritário, médicos de terno e gravata, agricultores usando as tradicionais túnicas *djellabas*. Relatos orgulhosos de sucesso, quando os prognósticos



eram de total impossibilidade. As mulheres também se encontram ali, mulheres de todas as idades, um mar de rostos – enrugados, castigados pelas intempéries, rostos jovens e brilhosos, um mosaico de rostos velhos e novos. Alguns rostos estão cobertos em parte ou por completo, outros não estão encobertos. Homens e mulheres sentando juntos lado a lado! As mulheres não sussurram nem hesitam enquanto falam. Está acontecendo. Aquilo que começou no monastério deu frutos.

Um emprego tão promissor da abordagem do DP resistiu ao teste do tempo. Resultou na confirmação de que milhares de circuncisões foram evitadas em dezenas de vilarejos “livres de MGF”, e na quebra do código de silêncio que cercava o assunto. Tal emprego do processo de DP deu voz às meninas caladas e aos opositores silenciosos da prática da MGF em todas as áreas. E o mais importante, propiciou uma nova perspectiva sobre a poderosa capacidade que “pessoas assim como eu” tem em transformar as coisas.

A partir de 2007, o programa identificou mais de mil desvios positivos e sofreu uma expansão que chegou até 1.693 famílias em cerca de 40 comunidades que trabalham com 20 ONGs locais em quatro unidades governamentais (províncias) do Egito.<sup>3</sup> Com iniciativas dotadas de múltiplos objetivos e vários canais (mesquitas, escolas, igrejas, grupos informais de homens e mulheres, hospitais, etc.) patrocinadas por redes recém-formadas, e pela constante formação de militantes contrários à MGF, os habitantes dos vilarejos possuem uma “prova social” de que é possível para uma mulher não ser circuncidada e ainda assim ser uma “mulher virtuosa”. Evidências de que “alguém assim como eu” abandonou a MGF dão aos residentes nos vilarejos ainda ligados à prática, uma oportunidade de romper com a mesma. O monitoramento mensal das meninas “em risco” de vários vilarejos constatou que não apenas foi possível evitar milhares de circuncisões, mas que a abordagem do DP é comprovadamente um instrumento de poder excepcional. Dentro de uma perspectiva quase que universal, transformou um “problema incontrollável” em um problema passível de ser solucionado em cada um dos vilarejos. A solução só está esperando para ser revelada, e ter seu raio de ação amplificado.

Para Khira, também, a vida continua. Ela agora está casada e tem uma menina. De vez em quando, ela ainda é provocada pelos rapazes do vilarejo por sua postura. Mas ela continua de cabeça erguida. Ela vai a outros vilarejos trabalhar pelo fim da MGF. Sua filha será poupada. A menina nunca vivenciará o trauma de *Il Rittan*.

## ❖ Reflexões

Confiar no processo e nas pessoas fez tudo isso acontecer, e isso exige uma profunda mudança no papel tradicional de um membro de ONG. Como uma pessoa de fora e instruída, tive de abrir mão de tudo aquilo que sabia, ou, em verdade, de pensar que sabia qualquer coisa. Tive de me render à verdade – um heresia para os “especialistas” dotados de instrução – de que a escuta tem mais poder do que a fala, a formulação de perguntas tem mais poder do que o conhecimento. Tive que abandonar meus medos e confiar que os outros entrariam com ideias e ações que iriam muito além daquilo que eu fosse capaz de sonhar ou imaginar. Era um privilégio para mim fazer parte de uma epopeia, na qual pessoas comuns, mediante silenciosos atos de coragem, tomavam a frente. Suas vozes estavam finalmente sendo ouvidas.

O sucesso da abordagem do desvio positivo baseia-se no princípio de que não basta contar às pessoas sobre um novo comportamento, instrumento, ou estratégia. As pessoas têm de realmente praticá-lo a fim de internalizar as coisas e constatarem os benefícios por elas mesmas. Mas como isso se aplica ao caso da MGF? Não é possível praticar a não circuncisão em alguém! O desafio estava em se encontrar argumentos, histórias e mensagens que realmente convencessem os principais responsáveis pela tomada de decisões – pais, avós, líderes religiosos locais e outras pessoas mais influentes – a se oporem à MGF. Uma vez coletadas, tais histórias não foram impressas em panfletos para serem distribuídas, ampliadas em cartazes coloridos, e nem relatadas no rádio como parte integrante de uma campanha pública de saúde. Em vez disso, enclausurados naquele monastério em meio às ventanias, os primeiros voluntários praticaram o relato das histórias, treinaram como iriam debater uma questão tão sensível com os membros da comunidade, e partilharam suas próprias histórias uns com os outros. Eles praticaram o desvio comportamental de falar abertamente, ganhar confiança e quebrar um tabu. Depois que começaram a dialogar com os outros, a prática de falarem abertamente ganhou vida por si só e começou a se espalhar. Estimulados pela maior aceitação das suas crenças e ações, muitos agentes dos DPs deram um salto e, de dissidentes silenciosos, passaram a líderes com voz nas comunidades. Eles não só se tornaram soldados da linha de frente para redução da MGF, como também uma força por trás da defesa das mulheres no Egito. Pequenos casos se tornaram minorias atuantes. Pouco a pouco, os velhos posicionamentos ortodoxos foram cedendo.



A redução da MGF é um problema para o qual não existe um remédio técnico. O progresso nesse campo exigiu mudança das normas e da aceitação social. Não havia ajustes práticos como a adição de camarões, siris e verduras na dieta das crianças vietnamitas. O sucesso ou o fracasso giravam inteiramente em torno de transformar opiniões privadas em públicas, permitir que a comunidade como um todo alinhasse sua percepção com a realidade, e as consequências que suas normas tinham na vida das meninas.

A MGF é o exemplo símbolo de um problema de complexidade social que requer uma mudança comportamental. O caso lança luz sobre uma verdade muitas vezes pouco percebida, a de que *o aprendizado e a mudança têm lugar no contexto social*. O poder que o processo do desvio positivo tem para romper com o mais duro dos problemas vem do fato de ele abraçar o sistema social desde o início, percebendo-o não como uma barreira para a implementação da solução dada por outra pessoa, mas como um meio para uma solução natural dada pela própria comunidade local.

O psicólogo Jerome Bruner contrapõe o “aprender sobre” (que se baseia primariamente no intelecto) ao “aprender a ser”, que molda a identidade (baseado no sistema social e por ele informado).<sup>4</sup> O “aprender a ser” funciona por meio das interações e da prática social – e não por meio da cognição. Os padrões de fumantes que largam o cigarro exemplificam o caso em questão. Apesar das advertências referentes ao câncer, da separação nos restaurantes e dos adesivos de nicotina, apenas 1/3 daqueles que tentam deixar de fumar sozinhos conseguem fazê-lo. Quando os fumantes ingressam em um sistema de apoio, 2/3 obtêm êxito.<sup>5</sup>

### ❖ A comprovação social

Um princípio químico bem conhecido estipula que dois ingredientes ativos podem ser misturados e produzir pouco efeito, até que um terceiro ingrediente – muitas vezes um catalisador inócuo – desencadeie uma síntese química. De forma parecida, o sistema social é um catalisador entre tudo aquilo que “sabemos” e aquilo que, em verdade, altera nosso comportamento e nossos mapas mentais.

Uma prova social disso?<sup>6</sup> Uma ideia simples, de fato: “ver para crer”. Quando alguém, “assim como eu” faz algo, é muito mais provável que eu mes-

mo venha a fazê-lo. No Egito, a comprovação social atua tanto como um inimigo quanto como um aliado. Foi a comprovação social que manteve a MGF atuante desde os tempos dos faraós. E foi a comprovação social que se tornou a chave para desfazer a MGF.

Risadas gravadas, por exemplo. Segundo Cialdini, o público diz não gostar, mas mesmo assim, elas são muito usadas na televisão e no rádio, mesmo com ampla documentação a respeito de tais objeções. Por que a mídia ignora os sentimentos do público? Por que as trilhas gravadas de risadas provocam risos ainda mais altos e que perduram por mais tempo. O que é mais notável é que as risadas gravadas exercem um efeito ainda maior quando o material humorístico é de baixa qualidade! O fato de uma pessoa rir porque os outros estão rindo dá um testemunho sobre o poder da comprovação social. A gravação das risadas nos dá pistas sobre como devemos nos comportar. Também dá margem à exploração. (Por que você acha que os baristas nas cafeterias da Starbucks colocam nas suas caixas de gorjeta notas de um dólar do seu próprio bolso?)<sup>7</sup>

A comprovação social adquire especial importância dadas as condições de incerteza quando dependemos dos outros para nos guiar. A imitação é o nosso sistema de apoio quando só a razão não é suficiente. Isso é verdade em situações que vão desde o mais trivial até o mais profundo. Cialdini observa que empregamos a comprovação social para decidir como nos livrar de uma caixa vazia de pipoca no cinema, a que velocidade dirigir na estrada, ou se pegamos o pedaço de frango frito ou a espiga de milho com as mãos em um jantar. Chegando a consequências extremas dentro do mesmo espectro, confiamos na comprovação social para as escolhas de caráter moral – se auxiliamos um torcedor de futebol bêbado que cai na calçada, ou se seguimos adiante como acusadores e chamamos a atenção para a sua conduta ilegal ou imprópria.

No Egito, a comprovação social era a cimitarra que cortava para ambos os lados. O processo do DP contrapôs velhos posicionamentos ortodoxos com dados não convencionais. Abriu os olhos, os ouvidos e a consciência da comunidade para novas possibilidades. Fez uma revisão das crenças por meio da prática. O essencial em tudo isso foi a diversidade de opiniões, o pensamento independente e a autoridade descentralizada, de tal modo que o conjunto dos envolvidos em todos os níveis pudessem encontrar e se apropriar das respostas.



### ❖ Precondições para a inovação

A biologia evolucionista nos ensina que períodos de equilíbrio prolongado produzem mudanças relativamente pequenas. Ocorre então o impacto de um meteoro, ou uma erupção vulcânica que encobre o sol, resfria a superfície terrestre e altera a vida de modo significativo. Costuma-se fazer referência a tal teoria evolutiva como “equilíbrio pontuado”, sendo o seu exemplo mais notável o do período Cambriano, que começou há 542 milhões de anos atrás e marcou o surgimento de quase todas as espécies providas de sementes ou estames, olhos ou antenas, pés ou barbatanas, que passaram a habitar o planeta desde então.

O processo do DP suscita uma evolução pontuada em termos de parâmetros temporais humanos. Ao longo da história humana, há muitos exemplos de inovações notáveis, fruto das mais terríveis circunstâncias. Uma das premissas fundamentais do DP é que, mesmo em meio a circunstâncias muito complicadas, geralmente existe alguém, em algum lugar, que consegue encontrar uma forma de lidar com tais circunstâncias. Enquanto a comunidade em geral crê que “isso não vai mudar” ou “que é assim que são as coisas”, os agentes do DP em sua postura de oposição, parecem se sentir tão desafiados pelo “impossível” quanto os alpinistas do Himalaia pelos picos que ainda não foram escalados.

Contudo, na natureza em geral, e mais especificamente nos sistemas humanos, é de crucial importância existir um nível suficiente de diversidade, e espaço ou liberdade de movimentação social, que permita a experimentação individual em primeiro lugar, e também uma ruptura com a homeostase, para permitir uma maior adaptabilidade. A criatividade consegue se manifestar bravamente frente a obstáculos de ordem física. Mas a camisa de força da conformidade social pode impedir totalmente a experimentação. O antidoto é, repetindo, a diversidade, que para os fins aos quais nos propomos, é melhor forjada através da inclusão. Muitos problemas parecem ser insolúveis exatamente porque a sabedoria convencional que os circunda é reforçada (e agravada) por um círculo fechado e limitado de pessoas envolvidas na questão que já têm uma ideia construída em suas cabeças. Na experiência da MGF, a definição dos agentes de desvios positivos foi expandida de modo a incluir não só as meninas que não haviam sido circuncidadas, mas também os responsáveis pela tomada de decisão e as autoridades nas vidas daquelas jovens que haviam oferecido resistência à tradição, buscando eliminar tal prática.

Os seres humanos podem responder a altos níveis de desequilíbrio de forma reativa. É possível que eles se entrincheiram e rejeitem qualquer contestação. Não é de surpreender que, no curso da História, desde Platão e até depois de Galileu, muitos inovadores tenham sido tratados com hostilidade quando o *insight* que eles defendiam subvertia totalmente a ordem das coisas. A abordagem do desvio positivo busca diminuir as barreiras impostas pela conformidade social e trazer um efeito de choque ao tratar a inovação como resultado de um processo de descoberta. Em termos mais específicos, o primeiro a ser feito é mobilizar a curiosidade da comunidade de modo a engajá-la na busca de soluções alternativas (em vez de a comunidade ser surpreendida e resistir a tais mudanças). Como as variantes positivas *já coexistem* em harmonia com a comunidade que as engloba, essa presença pacífica serve muitas vezes de ponte no golfo da incredulidade.

Vamos agora observar o poder desse sistema no universo da medicina institucional, tradicionalmente convencional e avesso às mudanças.